
CORRIDA
da
FÉ
R. C. SPROUL

FIEL Editora

LIGONIER MINISTRIES

CORRIDA da FÉ

R. C. SPROUL

A Corrida da Fé
Traduzido do original em inglês
The Race of Faith,
Copyright © 2016 by R.C. Sproul

■

Publicado pela Editora Fiel parceria com Reformation Trust, uma divisão do Ministério Ligonier,
421 Ligonier Court, Sanford, FL 32771

Ligonier.org ReformationTrust.com

Copyright © 2016 Editora Fiel

Edição especial para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em Agosto de 2016 do Projeto "Jogos em Vida", uma parceria entre o Ministério Fiel e o Ministério Ligonier.

■

Direção: John Cobb (Ligonier) e James Richard Denham III (Fiel)
Coordenação: Tiago José dos Santos Filho
Apoio: Vinicius Pimentel Musselman
Editor: Tiago José dos Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine R. O. Santos
Capa e Diagramação: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-376-3



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

O Credo dos Apóstolos

Eu creio em Deus, o Pai, todo-poderoso, criador dos céus e da terra.

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu ao Hades, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus, o Pai, todo-poderoso, de onde virá para julgar vivos e mortos.

Eu creio no Espírito Santo, na santa igreja católica[1], na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

---

[1] A palavra "católica" se refere à igreja universal.

Sumário

Busca por Glória

1 – A corrida da fé

2 – O que é fé?

3 – Deus, o Pai

4 – A pessoa e a obra de Cristo (Parte 1)

5 – A pessoa e a obra de Cristo (Parte 2)

6 – O Espírito Santo e a igreja

7 – O perdão, a ressurreição e a vida eterna

Busca por Glória

A busca por glória é altamente motivadora. Sempre tentamos fazer o máximo ou nos dedicamos um pouco mais quando a glória parece estar ao alcance. Somos até dispostos a sacrificar o conforto pessoal por uma oportunidade de glória. Repetindo "Sem esforço, não há glória!", lutamos para conquistar mais. Queremos que nossa vida seja importante. Queremos ser celebrados por perseguir algo que vale a pena.

Há uma razão por que experimentamos esta profunda sede por glória. Na Palavra de Deus, descobrimos que fomos criados para glória. Deus formou nosso corpo e soprou vida em nós, para que conhecêssemos a grandeza de sua santidade e a admirássemos. Nosso coração e nossa mente foram idealizadas para serem tão impressionados com a bondade de Deus, que o adoraríamos e lhe obedeceríamos com prontidão. Assim, refletiríamos a admirável glória de Deus.

No entanto, olhe ao seu redor. O mundo não brilha com glória de santidade, brilha? Talvez você já notou como o mal tem deformado o mundo. Há sofrimento, amargura, engano e morte. Se fomos criados para conhecer a glória de Deus, o que deu errado?

A resposta dada pela Palavra de Deus aponta para o nosso coração. Fomos criados para depender de Deus e lhe dar glória. Mas, em vez disso, insistimos em buscar nossa própria glória. Substituímos a vontade de Deus por nossos próprios desejos e nos dedicamos a criar um nome para nós mesmos. A Bíblia chama isto de "pecado", que é desobediência ao propósito de Deus para nós. O pecado nos tenta a achar satisfação em nossa própria fragilidade e não na grandeza de Deus. Erroneamente,

tentamos achar glória duradoura em nossa identidade, nosso trabalho ou nossos sonhos. Entretanto, vez após vez, nos vemos tanto vazios quanto insatisfeitos. Também nos vemos condenados porque nosso pecado não é ignorado por Deus. Ele é um Juiz justo. Somos culpados de rejeitar sua verdade enquanto procuramos estabelecer a nossa. A penalidade deste pecado é descrita claramente: morte e afastamento eterno de Deus.

Mas a mensagem do evangelho é, magnificamente, boas notícias! "Deus amou ao mundo", diz a Bíblia, "de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Jesus Cristo, o perfeito Filho de Deus, assumiu a forma de homem, mas sem o pecado do homem. Viveu entre os homens, mas sem participar da desobediência deles. Ele nunca hesitou em seguir a vontade de Deus e glorificá-lo. Jesus Cristo refletiu perfeitamente a glória de Deus.

A Bíblia diz que Jesus Cristo foi "obediente até à morte e morte de cruz". Sua obediência o levou a morrer numa cruz. Por quê?

Eis a resposta: Jesus Cristo tomou sobre si a nossa condenação. Morreu nossa morte, para que pudéssemos viver. Sofreu a penalidade que devíamos ter sofrido. Tomou sobre si o nosso pecado para que conhecêssemos o perdão. Ele deu a sua vida para que pudéssemos ser aceitos diante de Deus. Morreu por nós para que confessemos os nossos pecados e achemos redenção nele. Estas são notícias maravilhosas, gloriosas! Três dias depois de sua morte, Jesus Cristo ressuscitou. Ressuscitou vitorioso sobre a condenação, a morte e o pecado!

A Bíblia expressa as boas notícias desta maneira: "Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Em Jesus, somos abençoados com perdão, esperança, paz e satisfação. Em Jesus, somos prontamente aceitos na presença de Deus e descobrimos a beleza de seu amor e santidade. Isto é salvação. Isto é verdadeiramente glorioso. Isto é o evangelho.

Querido amigo, você já confessou seus pecados e creu em Jesus Cristo? Você está disposto a crer que a morte e a ressurreição de Cristo são o meio pelo qual somos salvos? Você pode ser salvo hoje. Ele lhe perdoará.





Ministério Fiel & Ministério Ligonier

A Corrida da Fé

Muitos diziam que era impossível. Aqueles que haviam tentado, repetidas vezes, não conseguiram por pouco. O alvo era tentadoramente pequeno, mas, apesar disso, além do alcance. Correr uma milha em menos de quatro minutos – esse era o sonho de atletas meio-fundistas. Desde 1945, o recorde permanecia em 4:01.4. No início dos anos 1950, uma sucessão de competidores, incluindo John Landy, da Austrália, e Wes Santee, dos Estados Unidos, havia chegado perto do recorde – 4:03.06, 4:02.4, 4:02.0. O atleta inglês Roger Bannister observava os tempos ficarem cada vez mais curtos. Ele sabia que, se quisesse bater o recorde, teria de fazê-lo em breve.

Uma promessa jovem e amadora, Bannister era um dos favoritos nos 1.500 metros (a milha métrica), nos Jogos Olímpicos de Helsinki, na Finlândia, em 1952. No entanto, uma seletiva semifinal foi acrescentada ao programa, o que ele não havia previsto. Embora tivesse se classificado para a final, a corrida extra sugou a energia de Bannister. Competindo contra um campo profundo na final, ele terminou num desapontador quarto lugar.

Bannister tinha uma escolha a fazer. Ele perdera a chance de disputar os Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, considerando-se muito jovem e inexperiente. Nesse ínterim, ele iniciara uma carreira na medicina. A exigências crescentes de seu trabalho como médico significavam que ele, talvez, seria incapaz de treinar apropriadamente para os jogos de 1956, em Melbourne, na Austrália. Bannister tinha de resolver se

desistiria de correr. Após dois meses de reflexão, ele decidiu focar-se em quebrar o recorde de quatro minutos, na corrida de 1.500 metros.

Algumas poucas tentativas, em 1953, colocaram Bannister perto do recorde e o convenceram de que quatro minutos era uma marca possível. Por isso, em 6 de maio de 1954, Bannister se preparava na Iffley Road Track, em Oxford, na Inglaterra. Competia pela Associação Britânica de Atletas Amadores, numa disputa contra a Universidade de Oxford. Era um dia frio e ensolarado, com ventos que ameaçavam tornar adversas as condições de corrida.

Bannister chegou com os pregos de suas sapatilhas recém-afilados e revestidos de grafite, para impedir que acumulassem detritos. À medida que se aproximava das 18h, Bannister se preocupava com o clima e considerava a possibilidade de retirar-se, mas seu treinador estava convencido de que aquele dia seria a sua melhor chance. Quando o vento diminuiu, perto do começo da corrida, Bannister decidiu ocupar seu lugar.

Depois de alguns momentos de ansiedade, por causa de uma falsa largada, a corrida começou. Bannister permaneceu atrás do seu marcador de ritmo, Chris Brasher, que o conduziu pelas duas primeiras voltas. Quando chegaram à metade da corrida, o tempo era 1:58. Brasher ficou para trás, e Chris Chataway assumiu os deveres de marcador de ritmo, levando Bannister, na volta seguinte, à marca de 3:00.07. Bannister teria de correr a última volta em menos de 59 segundos.

Chataway continuou a conduzir até a última curva, antes de ficar para trás, deixando Bannister começar o trecho final sozinho. Ele começou sua arrancada final faltando cerca de 252 metros. Aproximando-se cada vez mais do final, Bannister cruzou a linha de chegada e, então, caiu sobre um monte de terra, exausto.

A multidão esperava ansiosamente, quando o locutor do estádio acabou com a tensão. Por fim, houve o anúncio: "O tempo foi 3..."

Ele não conseguiu terminar o anúncio. A multidão explodiu, e Bannister, Brasher e Chataway deram uma volta olímpica. O sonho impossível se realizara.

Os quatro minutos de Roger Bannister foi um glorioso feito atlético. E nos fala algo sobre trabalho árduo, planejamento, determinação e treinamento cuidadosos.

Estas são qualidades que serviram muito bem a Roger Bannister, em sua carreira de atleta, bem como em sua carreira de médico. Qualidades como estas também são úteis em nossa vida. Afinal de contas, a vida tem sido frequentemente comparada a uma corrida. Há um começo e um fim, e muito esforço é gasto entre esses dois pontos. Se a vida é uma corrida em que todos estamos engajados, qual é o objetivo? O que há na linha de chegada? A vida pode ser difícil; ficamos cansados e queremos diminuir a velocidade. Apesar disso, continuamos prosseguindo. Mas, pelo que estamos prosseguindo?

A maioria das pessoas na história tem crido em algum tipo de vida após a morte. Alguns creem em carma e reencarnação, em que a pessoa retorna e vive uma nova vida, em um ciclo interminável, e nos quais suas obras numa vida determinam sua situação na vida seguinte. A maioria das pessoas creem em algum tipo de céu, um estado de felicidade. O ponto em que elas diferem é ao responderem como alguém chega lá.

Para os cristãos, as respostas destas perguntas se acham na Bíblia. A Bíblia é o melhor *best-seller* na História, por uma boa razão. Ela é a Palavra de Deus, sua revelação perfeita e autoritária para a raça humana. Contém informação importante que precisamos saber e dá as respostas para as perguntas que todos nós temos. É um mapa que traça a rota que devemos seguir, na corrida que chamamos vida.

Se você abrir uma Bíblia, verá que ela tem duas divisões principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Nestas duas divisões principais, há 66 livros escritos por muitas pessoas, durante um período de aproximadamente 1.500 anos. Estes livros variam em conteúdo – desde história e profecia, até poesia e biografia – mas todos eles nos contam a história dos procedimentos de Deus para com seu povo.

O Antigo Testamento é a história do povo de Deus, antes do tempo de Jesus. Contém relatos dos triunfos e dos fracassos do povo de Deus. Nós os ouvimos alegrando-se e gritando. Vemos Deus punindo-os por sua desobediência e resgatando-os de seus inimigos. Em todo o Antigo Testamento, vemos o cuidado de Deus por seu povo, e o ouvimos prometendo que os salvará completa e finalmente, por meio de um Salvador que viria.

O Salvador é Jesus Cristo. Ele foi um homem que viveu na Palestina, há dois mil anos. Mas Jesus Cristo não era apenas um homem; era Deus encarnado. O Novo Testamento nos conta a história sobre quem Jesus é e o que ele fez na terra; e, além disso, nos conta o que os seguidores de Jesus disseram e fizeram, depois que ele subiu ao céu.

Este Jesus é o centro da fé cristã. O relato a respeito de quem ele é e o que fez por seu povo é chamado de *evangelho*, que significa "boas notícias". Essas boas notícias significam que podemos ser libertos de nossos pecados e reconciliados com Deus. Como resultado, os cristãos têm o anseio de estarem com Deus, por ocasião da morte, e adorarem a Deus para sempre, em alegria incessante. E, por ser amoroso e misericordioso, Deus proporcionou um caminho para estarmos com ele, por meio do evangelho, embora haja grandes obstáculos. Esse caminho é por meio da fé em Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo, um dos seguidores de Jesus e autor de boa parte do Novo Testamento da Bíblia, escreveu: "Prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Filipenses 3.12). Paulo estava falando sobre a vida após a morte, a felicidade eterna no céu. No âmago de seus esforços estava Jesus Cristo. Paulo se esforçava para avançar, porque pertencia a Jesus. A vida de Paulo havia sido transformada por causa de Jesus, e, quando escreveu estas palavras, ele vivia sua vida com um novo propósito em mente.

A vida cristã é baseada na fé em Jesus Cristo e significa que há coisas nas quais o cristão deve crer, para que seja chamado cristão. No centro da crença cristã está Jesus Cristo – quem ele é e o que fez, enquanto esteve na terra. No decorrer da história da igreja, os cristãos têm se reunido e formulado afirmações que descrevem com exatidão o que eles creem, baseados no que a Bíblia ensina. Estes resumos da crença cristã são úteis, tanto para crentes, quanto para não crentes, para entenderem o que significa ser um cristão.

Uma das mais antigas e mais importantes destas afirmações é chamada *Credo dos Apóstolos*. Ele data de algum tempo nos anos 400 d.C., cerca de 300 anos depois do

tempo de Jesus. Seu nome refere-se ao fato de que ele resume o ensino dos apóstolos, que eram seguidores de Jesus e que ele designou como seus sucessores.

O restante deste livro tentará ajudá-lo a entender o Credo dos Apóstolos. Ponto a ponto, examinaremos o credo e explicaremos seu significado. O alvo é oferecer um entendimento claro e sucinto dos ensinos básicos da fé cristã e o que significa correr a corrida da vida, de acordo com a fé em Cristo e com os ensinos da Bíblia.

O que é Fé?

Eu creio em Deus, o Pai, todo-poderoso…

O Credo dos Apóstolo começa com estas palavras: "Eu creio". O que significa dizer que você crê em algo? Um conceito intimamente relacionado é o conceito de fé. O que significa ter fé? A fé é tão vital ao cristianismo que, às vezes, o cristianismo é chamado "a fé cristã". Para entendermos o cristianismo, devemos entender o que significa crer ou ter fé. A fé é vista, frequentemente, como o oposto de razão ou de "percepção sensorial", ou seja, as coisas que podemos saborear, ver, tocar, cheirar e ouvir. Em outras palavras, a fé é frequentemente colocada em oposição a outros meios pelos quais aprendemos coisas. Há muitas pessoas que acreditam que a fé é contrária à razão ou à percepção sensorial, de tal modo que, para ter fé verdadeira, uma pessoa precisa funcionar sem a razão ou a percepção. Mas isto não é o que a Bíblia ensina. Em vez disso, descobrimos que a Bíblia é o fundamento do conhecimento, incluindo tanto a razão como a percepção sensorial. A fé repousa sobre este fundamento, mas também nos leva além de seus limites.

Isso talvez pareça estranho, porque muitas pessoas distinguem a fé como um meio de conhecimento totalmente separado. Mas, como alguém pode receber qualquer conhecimento de Deus, se a sua mente não pode compreender tal conhecimento?

Um dos primeiros credos cristãos se acha na própria Bíblia. Era bem simples. Era a afirmação: "Jesus é Senhor". É possível alguém falar essas palavras sem entendê-

las. Você pode repetir esta afirmação sem entender o que o conceito "Senhor" significa, o que o verbo "é" indica, e a que o nome "Jesus" se refere. Mas, se você fala as palavras sem entendê-las, não está realmente afirmando o que as palavras significam; não está fazendo uma verdadeira profissão de fé. Portanto, para crer no evangelho, para ter fé em Jesus, você precisa primeiro ter, em sua mente, algum grau de entendimento da mensagem do evangelho.

O cristianismo é, também, uma fé ou religião de um livro que possui ensinos e doutrinas destinados ao nosso entendimento. Não faz sentido possuirmos qualquer tipo de documento escrito, se entendemos a fé cristã como algo que está além da razão. Documentos escritos têm como alvo convencer pessoas; insistem em que elas usem sua razão para considerar a mensagem do documento. Portanto, de acordo com a Bíblia, a fé não é "fé cega". Não se abraça a fé cristã com os olhos fechados. De fato, a Bíblia nos convida a abrir os olhos para a realidade; ela nos chama a sair das trevas para a luz.

Por outro lado, a pura razão não levará ninguém a crer no evangelho, nem a percepção sensorial sozinha. A Bíblia diz que "a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem" (Hebreus 11.1). A fé envolve coisas que não podemos ver, nem ouvir, nem tocar. Ninguém jamais viu a Deus; não podemos ver o céu. Mas podemos ver a obra de Deus na criação.

O cristianismo é chamado uma "religião revelada". Os cristãos creem em um Deus que se revela a si mesmo por meio da natureza, mas também cremos em um Deus que tem falado. Quando falamos sobre a fé como a convicção de coisas que se não veem, estamos falando sobre crer em Deus e crer no que ele nos revelou na Bíblia. Não é uma fé irracional ou não científica. A fé cristã pode ser verificada por meios científicos e sensoriais. A fé cristã está baseada em eventos históricos que realmente aconteceram, eventos que podem ser verificados por meios científicos e sensoriais.

Portanto, quando recitamos um credo, quando dizemos: "Eu creio", estamos afirmando nossa concordância com as declarações do cristianismo e da Bíblia. Isto não é uma fé cega, e sim uma fé real e vital. No sentido bíblico, os verdadeiros opostos da fé não são a razão e a experiência, são a ingenuidade e a superstição.

É importante enfatizarmos a centralidade da fé para o cristianismo. Foi por causa desta questão que ocorreu a Reforma Protestante, no século XVI. Martinho Lutero e outros argumentavam que é por meio da fé, a fé sozinha, que somos justificados e tornados justos diante de Deus.

Isso suscita algumas perguntas. Que tipo de fé justifica? O livro de Tiago, no Novo Testamento, diz que a fé sem obras é morta; não pode salvar ninguém. Como Lutero disse, o tipo de fé que redime é uma fé vital, uma fé que impacta a vida. Por isso, precisamos ter uma fé viva, para que ela seja uma fé que salva; mas, o que este tipo de fé envolve?

Os líderes da Reforma ensinaram que há pelo menos três elementos da fé bíblica. O primeiro é o conteúdo do que cremos. Não é suficiente alguém crer no que quiser, ainda que creia com sinceridade. Para uma crença ser salvadora, ela precisa ter conteúdo bíblico.

O Novo Testamento nos dá o conteúdo básico da fé salvadora: Cristo é o Filho de Deus, ele é o Salvador, morreu por nossos pecados e ressuscitou dos mortos. Os apóstolos pregaram isso e convidaram as pessoas a crerem nisso. Antes de alguém crer neste conteúdo, precisava primeiramente conhecê-lo e entendê-lo.

A segunda parte da fé salvadora é o assentimento intelectual. Significa que você concorda em que algo é verdadeiro. Quando perguntamos: "Você crê que o céu é azul?", estamos apenas perguntando se você crê que esta é uma afirmação verdadeira. Se você diz sim, assentiu intelectualmente com a afirmação. De modo semelhante, os primeiros cristãos perguntavam: "Você crê que Jesus é o Filho de Deus?". Algumas pessoas diziam não. Outras pessoas diziam sim. Mas, dizer 'sim' não é suficiente para alguém ter a fé salvadora. Afinal de contas, a Bíblia registra que demônios reconhecem a identidade de Jesus, como Filho de Deus.

É aqui que entra a terceira parte da fé salvadora. Ela envolve uma confiança ou aceitação pessoal. Você não somente sabe que a Bíblia afirma que Jesus é o Filho de Deus, mas também crê que esta afirmação é verdadeira, e, além disso, abraça esta afirmação. Alegremente, você vê Jesus pelo que ele é, e confia alegremente nele. A

pessoa que tem a fé salvadora em Cristo não o conhecia e era hostil para com ele anteriormente, mas, agora, ela o ama e o adora.

Quando alguém diz: "Eu creio", isso significa que ela abraça, com seu coração e com sua vontade, a vitória e o triunfo de Cristo. Isto é uma verdadeira afirmação de fé. Não recitamos um credo apenas porque achamos que ele é verdadeiro. A fé é mais do que somente conhecimento ou assentimento intelectual, mas não é menos do que isso.

Deus, o Pai

Eu creio em Deus, o Pai, todo-poderoso,
criador dos céus e da terra...

O centro da fé cristã é Jesus Cristo. Por isso, as afirmações dos credos mais antigos focalizavam-se na pessoa de Jesus. Além disso, a maioria dos primeiros convertidos eram judeus. Eles já criam em Deus, o Pai, e precisavam então afirmar sua crença em Jesus.

No entanto, por volta do ano 100 d.C., uma grande enxurrada de não-judeus começou a entrar na igreja. Não se poderia mais considerar natural que os convertidos já tivessem um entendimento claro do monoteísmo, ou seja, a crença em um único Deus. A maioria desses convertidos havia crido anteriormente em muitos deuses. Alguma instrução básica era necessária.

Nesse tempo, quando um novo convertido era batizado, fazia-se uma série de perguntas. Estas perguntas se tornaram a base para as afirmações do Credo dos Apóstolos, e começavam com a pergunta: "Você crê em Deus, o Pai, todo-poderoso?".

O Pai é o Deus que se revelou no Antigo Testamento. Mas, quando Jesus veio, ele não veio para substituir ou desbancar o Pai. Ele veio para declarar o Pai. Há uma relação íntima entre o Jesus histórico do Novo Testamento e Deus, o Pai, do Antigo Testamento.

Desde os seus primórdios, o cristianismo era conscientemente trinitário; afirmava que há três pessoas na Divindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Observe a progressão no Credo dos Apóstolos: "Eu creio em Deus, o Pai... E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor... {e} no Espírito Santo". Todas as três pessoas da Trindade são confessadas, nesta afirmação bem antiga.

Crer em Deus, o Pai, é fundamental à crença cristã. Entretanto, a paternidade de Deus nem sempre foi entendida corretamente. No século XIX, alguns tentaram redefinir o cristianismo, reduzi-lo ao seu entendimento quanto à essência do cristianismo. Eles concluíram que o cristianismo consiste de duas afirmações centrais: a paternidade universal de Deus e a irmandade universal dos homens. A ideia está relacionada à solidariedade de todos os homens sob a benevolência indiscriminada de Deus. Contudo, à luz do ponto de vista bíblico, esta conclusão é problemática.

Há uma afirmação que pode sugerir a ideia. O apóstolo Paulo, quando debateu com alguns filósofos gregos no Areópago, em Atenas, citou os filósofos gregos, dizendo: "Porque dele também somos geração" (At 17.28). O que Paulo queria dizer era que, no sentido de que Deus é o criador de todas as pessoas, podemos dizer que ele é o Pai de todos os homens. Mas, a ideia de que todos os homens, até mesmo aqueles que não creem em Jesus Cristo, podem olhar para Deus como um Pai amoroso não se acha em nenhuma passagem da Bíblia.

De modo semelhante, a irmandade universal dos homens não se acha na Bíblia. Em vez disso, a Bíblia ensina que todos somos próximos uns dos outros, e somos chamados a amar nosso próximo como a nós mesmos. Irmandade, por outro lado, é um tipo especial de comunhão humana. Está arraigada no reconhecimento de que Jesus, como Filho de Deus, tem verdadeiramente Deus como seu Pai. Nós, por contraste, recebemos Deus como nosso Pai somente quando somos adotados na família dele. Isso acontece quando recebemos Cristo como nosso Salvador, por meio da fé. Por natureza, somos todos separados de Deus e de sua família, mas podemos ser reconciliados com ele, por meio de Cristo.

Portanto, se afirmamos uma irmandade universal dos homens e uma paternidade universal de Deus, obscurecemos aquele relacionamento bastante especial que Deus tornou possível, para aqueles que creem nele. Os oponentes de Jesus reconheceram que coisa radical era alguém afirmar que Deus era seu Pai. De fato, quando Jesus chamou Deus de seu Pai, os judeus quiseram apedrejá-lo por blasfêmia (João 5.18).

Na Oração do Pai Nosso, quando Jesus ensinou seus seguidores a orarem "Pai nosso", estava convidando-os ao relacionamento mais íntimo que ele desfruta com o Pai. Isto era uma inovação tremenda. Mas é tão comum os cristãos orarem a Deus, hoje, como seu Pai, que achamos isso algo normal e ignoramos a importância e o privilégio de dirigir-nos a Deus como nosso Pai.

Se admitimos que a essência da religião é a paternidade universal de Deus e a irmandade universal dos homens, perdemos o significado do convite para entrarmos na presença de Deus e dirigir-nos a ele como "Pai". Se ele é o Pai de todos, então, a intimidade que desfrutamos com ele, como nosso Pai, é obscurecida. Ele se torna distante, impessoal. Entretanto, o cristianismo afirma a existência de um Deus pessoal, com quem temos um relacionamento pessoal. Não proferimos orações a um Deus impessoal ou distante, e sim àquele que está presente e conhecemos.

Este Deus era conhecido, desde os primeiros tempos da religião judaica, como o "Todo-Poderoso". Deus, o Criador, não somente redimiu a Israel. Ele fez os céus e a terra. Sua esfera de autoridade é não somente os limites geográficos da Palestina, mas também o mundo todo. A designação *todo-poderoso* está arraigada e fundamentada no conceito de Deus como o Governante soberano de todo o mundo.

A Pessoa e a Obra de Cristo

(Parte 1)

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria.

Em seu próprio tempo, o homem que conhecemos como "Jesus Cristo" era conhecido como "Jesus Bar {o filho de} José", ou "Jesus de Nazaré". Naqueles dias, as pessoas não tinham nomes de família, e uma pessoa era identificada pelo nome de seu pai, ou o nome da cidade em que morava. "Cristo" não é um nome, e sim, um título; mas é um título tão importante, tão central aos ensinos do Novo Testamento sobre Jesus, que, com o passar do tempo, o nome e o título ficaram intimamente ligados. Como resultado, às vezes confunde-se o título *Cristo* como se fosse o último nome de Jesus.

A maior parte do Credo dos Apóstolos se focaliza na pessoa e obra de Jesus. E começa usando este título altamente importante: Cristo. Quando a igreja chamava Jesus, "o Cristo", estava repetindo a confissão do apóstolo Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". A palavra Cristo, no Novo Testamento, vem diretamente da palavra grega *christos*, que é uma tradução da palavra hebraica *mashiach* ou Messias. Tanto *Cristo*, quanto *Messias* significam "o Ungido", referindo-se a alguém que fora separado especialmente para os propósitos de Deus. No Antigo Testamento, a palavra *Messias* chegou a referir-se a um salvador esperado que libertaria o povo.

Portanto, quando os cristãos dizem que creem em Jesus Cristo, estão fazendo uma confissão de que Jesus é o Messias tão esperado. Isto é central à proclamação do Novo Testamento a respeito de Jesus; ele é o Cristo.

No Antigo Testamento, havia várias linhas diferentes de expectativas quanto ao Messias. Uma linha de expectativa esperava alguém semelhante a Moisés, o líder prototípico, que livraria seu povo e seria o mediador de uma nova aliança. O profeta Isaías falou de alguém que seria o servo sofredor de Israel – o servo do Senhor, aquele que levaria os pecados de seu povo. Também havia a expectativa de que o Messias viria da linhagem real de Davi. A literatura apocalíptica no Antigo Testamento, especialmente no livro de Daniel, prometia um ser celestial que seria enviado para julgar o mundo.

Com todas estas perspectivas diferentes quanto ao Messias, seria razoável perguntar como elas poderiam convergir em uma única pessoa. Entretanto, no Novo Testamento é claro que todas estas linhas individuais convergem na vida e na obra de Jesus Cristo. Ele veio e exerceu o papel de profeta; cumpriu o papel de rei; serviu no papel de grande sumo sacerdote e foi aquele que levou os pecados de seu povo, o Servo Sofredor.

O Credo dos Apóstolos afirma que Jesus está numa categoria única. Quando Roger Bannister quebrou o recorde de quatro minutos dos 1.500 metros, ele foi o primeiro ser humano na história a correr esse percurso em menos de quatro minutos. Por um tempo, Bannister foi único: ele fez algo que nenhum outro ser humano havia feito. Mas, desde aquele tempo, muitas pessoas repetiram o feito de Bannister. No entanto, a única coisa que ele fez e que outras pessoas jamais poderiam fazer é que ele foi o primeiro a bater o recorde de quatro minutos. Jesus é chamado o Filho unigênito do Pai; ele está numa categoria única. Não há ninguém como ele. Os cristãos são chamados filhos de Deus, mas somente por causa de sua adoção por meio de Jesus Cristo. Portanto, Jesus é singularmente o Filho de Deus por natureza.

Jesus é também chamado "nosso Senhor". Lembre que a primeira confissão de fé da igreja era a simples afirmação "Jesus é Senhor". A palavra traduzida por "Senhor",

no Novo Testamento, é cheia de significado; ela traduz a palavra que os judeus usavam quase exclusivamente para se referirem a Deus, o Pai. Os judeus evitavam proferir o nome de Deus, a fim de não blasfemar. Em vez disso, eles o chamavam "Senhor". Portanto, quando a igreja primitiva chamava Jesus de "Senhor", estava atribuindo a ele divindade. Estava identificando-o com aquele que havia criado os céus e a terra, e que governa toda a criação. Era um título imperial. O Senhor é aquele que é soberano, e a soberania, no sentido absoluto, está reservada a Deus.

Depois desta breve confissão de títulos referentes a Jesus, o Credo dos Apóstolos aborda brevemente um esboço de sua vida. Isto é importante porque o que ele era, em sua vida, definiu a sua obra. O credo começa com uma afirmação do nascimento virginal de Jesus. Desde os primeiros dias na história da igreja, a afirmação do nascimento virginal de Jesus era central às confissões da igreja. Esta afirmação é necessária – não meramente porque a integridade do testemunho dos apóstolos está em jogo, visto que sustentavam o nascimento virginal – mas também porque era necessário que Jesus fosse nascido de uma virgem, para realizar a obra que Deus o enviara a realizar.

Ser nascido de uma virgem significa que Jesus nasceu não maculado pelo pecado original. Ele não herdou a mácula que todos nós herdamos, por sermos descendentes de Adão. Esta mácula é passada adiante por meio de sucessão natural; por isso, toda pessoa nasce com uma natureza humana caída. Mas Jesus, por ser concebido de maneira miraculosa no ventre de Maria, não tinha essa mácula. Ele era e é sem pecado, não somente no que diz respeito à prática do pecado, mas também ao pecado original.

No entendimento da igreja sobre a pessoa de Cristo, Jesus é uma única pessoa com duas naturezas: uma humana e uma divina. O mistério da encarnação não é que Deus cessou de ser Deus e se tornou um homem, ou que um homem se tornou Deus repentinamente. O mistério da encarnação é que a segunda pessoa da Trindade – o eterno Filho de Deus – não perdeu nada de sua natureza como Deus, mas, apesar disso, assumiu uma natureza humana. Ele recebeu essa natureza de Maria. Assim,

temos uma única pessoa com duas naturezas – Jesus é verdadeiramente Deus, e verdadeiramente homem.

A Pessoa e a Obra de Cristo

(Parte 2)

Eu creio... em Jesus Cristo... que... padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu ao Hades, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus, o Pai, todo-poderoso, de onde virá para julgar vivos e mortos.

Neste ponto, o credo passa, rapidamente, da confissão do nascimento de Jesus para sua paixão – ou seja, seu sofrimento na cruz. Isso talvez pareça uma transição abrupta, como se nada tivesse acontecido entre o nascimento e a morte de Jesus. Parece especialmente abrupto quando entendemos que o Novo Testamento e a igreja primitiva atribuíram grande importância à vida de Jesus. Não é apenas a morte de Jesus que nos redime, mas também a sua vida de obediência perfeita; isto era necessário para que ele realizasse um sacrifício perfeito, em favor dos pecados de seu povo na cruz.

É importante notar que o sofrimento de Cristo não era uma coisa negativa para a igreja primitiva. Faz parte da alegria do evangelho. Numa perspectiva, o dia da paixão de Cristo é o mais triste na história do mundo; noutra perspectiva, é o dia da redenção. Portanto, há um sentido em que o credo está indicando algo cheio de alegria, ou seja, a conexão entre o nascimento e a morte de Jesus. Ele nasceu para morrer – não como um herói trágico, não como alguém que morreu em desilusão,

não como alguém que se resignou ao sofrimento inevitável. Pelo contrário, a morte de Cristo era seu destino, por nós e por nossa redenção.

Outra coisa que parece estranha é a expressão "sob Pôncio Pilatos". O Credo dos Apóstolos é muito breve. Por que mencionar Pôncio Pilatos, especialmente em face de todas as outras figuras importantes na vida de Jesus? Outros estiveram envolvidos na morte de Cristo – Judas, um discípulo, o traiu; Caifás, um dos líderes judeus, conspirou contra Jesus; Herodes, o rei judeu sobre a região, tomou parte no julgamento de Cristo. Por que mencionar Pilatos, o obscuro governador romano?

Uma resposta é que, ao dizer que ele sofreu sob a autoridade de Pôncio Pilatos, o credo coloca imediatamente o sofrimento de Jesus no cenário da história mundial. Jesus foi um homem real; viveu num lugar específico e interagiu com pessoas reais. O credo, ao mencionar Pilatos, fundamenta a trajetória de Jesus na História.

Outra resposta está relacionada ao controle de Deus sobre os eventos terrenos. O sofrimento e a morte de Jesus não foram por acidente; fazia parte dos propósitos de Deus para a redenção de seu povo. Deus cumpriu seus propósitos, até mesmo por meio de intenções más de homens perversos, e o triunfo da soberania de Deus sobre os poderes políticos humanos é demonstrado nesta referência a Pôncio Pilatos.

No entanto, há outro elemento que era muito mais importante. O Antigo Testamento havia predito que o Messias seria entregue aos gentios (não-judeus) para julgamento. Jesus não foi morto por judeus; foi entregue por eles aos romanos, que tentaram devolvê-lo: Pilatos o enviou a Herodes, e Herodes o enviou de volta a Pilatos; e o julgamento final procedeu dos gentios. Até o meio de execução não era judaico – Jesus foi crucificado – um método de execução tipicamente romano – em vez de apedrejado, que era o método judaico de pena capital.

O apóstolo Paulo dá muita ênfase ao instrumento da morte de Jesus, na carta aos Gálatas. Ele chama a atenção para o fato de que, na legislação do Antigo Testamento, havia leis de purificação e leis de contaminação, segundo as quais aqueles que guardavam a lei eram abençoados, e aqueles que quebravam a lei eram amaldiçoados. Ser amaldiçoado significava que a pessoa era excluída da presença de Deus.

O livro de Deuteronômio, no Antigo Testamento, diz: "Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro" (Gálatas 3.13; ver Deuteronômio 21.23). E em Gálatas, Paulo focaliza o fato de que o modo da morte de Jesus foi por crucificação, que estava sob a maldição do sistema do Antigo Testamento, porque era uma forma de morte gentia – pendurado num madeiro, ou seja, numa cruz. Sofrer uma forma de morte gentia significou que Jesus sofreu a maldição por nós; ele foi excluído, separado da presença de Deus, executado fora das muralhas de Jerusalém, abandonado aos gentios.

A menção do sepultamento de Jesus é também uma referência à profecia do Antigo Testamento. O profeta Isaías predisse o sofrimento e o sepultamento de Cristo, dizendo: "Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca" (Isaías 53.9). Jesus foi executado entre dois criminosos, e, depois de sua morte, em vez de ter o corpo lançado num montão de lixo e queimado (como era uma prática romana normal), Pilatos permitiu que Jesus tivesse um sepultamento judaico apropriado, em um túmulo emprestado por um homem rico, chamado José de Arimateia. Estes eventos cumpriram a profecia de Isaías sobre a morte e o sepultamento do Messias.

A afirmação seguinte – "Desceu ao Hades" – tem causado alguma confusão no decurso da história da igreja. Alguns dizem que ela fala sobre onde o espírito de Jesus esteve, durante o intervalo entre seu sepultamento e sua ressurreição. Um entendimento melhor é que esta afirmação se refere à realidade espiritual do que Jesus experimentou na cruz. Foi na cruz que Cristo experimentou a maldição, foi desamparado pelo Pai e recebeu sobre si mesmo a plena medida da ira de Deus.

Por fim, o credo prossegue para a ressurreição. O primeiro credo da igreja era "Jesus é Senhor", mas o primeiro anúncio *evangélico* dizia apenas: "Ele ressuscitou!". O cristianismo é inconcebível sem a ressurreição de Cristo. É tão importante que o apóstolo Paulo dedicou um capítulo inteiro de sua primeira carta aos cristãos de Corinto, para argumentar que Jesus ressuscitara dos mortos (1 Coríntios 15). Paulo apresentou um argumento detalhado, baseado no cumprimento da Escritura, no

testemunho ocular dos apóstolos e de quinhentas outras pessoas e na sua própria experiência ocular.

A ressurreição é tão importante, disse Paulo, que, se Jesus ainda estivesse morto, não tivesse ressuscitado, ainda seríamos culpados e condenáveis por nossos pecados – e, além disso, a fé seria inútil. Para o apóstolo Paulo, se você exclui a ressurreição, exclui todo o cristianismo. Se Cristo não ressuscitou, não temos nenhuma esperança, e podemos também desperdiçar nossa vida. A ressurreição dá esperança porque significa que Deus, o Pai, aceitou o sacrifício de Jesus; significa que a salvação e o perdão de nossos pecados estão disponíveis por meio de Cristo.

A ressureição é importante, também, porque nela o maior inimigo do homem – a morte – é vencido. A ressurreição não é um evento isolado, que foi proveitoso apenas para Jesus. O Novo Testamento declara que a ressurreição de Jesus é a primeira de muitas. Todos aqueles que colocam sua confiança em Cristo recebem a promessa de que um dia participarão da ressurreição de Jesus. Por causa da ressurreição, há esperança para uma nova vida.

Quando Jesus ressuscitou dos mortos, isso não aconteceu para que ele continuasse seu ministério terreno por outros cinquenta anos. O credo afirma que ele "subiu aos céus". Um dos momentos mais importantes, na história de redenção, ocorreu na ascensão de Jesus. Em sua ascensão, o Cristo ressuscitado foi entronizado como o Rei dos reis e Senhor dos Senhores. Isso significa que, neste exato momento, ele está sentado no mais elevado lugar de autoridade.

Uma das razões por que os primeiros cristãos transtornaram o mundo é que eles sabiam quem estava no controle; sabiam quem era o verdadeiro e supremo Rei. Depois que discípulos de Jesus o viram subir ao céu, voltaram regozijando-se para Jerusalém. A única razão por que eles podiam se regozijar era por entenderem para onde Jesus estava indo, e o que aconteceria em seguida. Jesus não estava apenas indo embora; estava indo sentar-se no trono de autoridade. Portanto, no Credo, a ascensão é seguida pelo que é chamado de "sessão": Cristo está sentado à direita de Deus, onde ocupa a posição de poder, autoridade e reinado.

Não somente isso. Jesus entrou no Santo dos Santos, a câmara mais interior do céu. Ali, Jesus atua como Sumo Sacerdote por seu povo. No Israel do Antigo Testamento, num certo dia do ano, os judeus tinham um sacerdote humano que passava por ritos de purificação radicais, para entrar no templo e oferecer um sacrifício que seria propício para o ano seguinte. Mas os cristãos têm um Sumo Sacerdote perfeito, que intercede por eles ao Pai, no mais interior das cortes celestiais, a cada minuto de cada dia. Não é surpreendente que os discípulos tenham se regozijado!

Depois, o Credo termina sua confissão sobre Cristo, por dizer que isto não é o fim da história – ele retornará daquele mesmo lugar. Virá do céu para julgar vivos e mortos. Aqueles que tiverem colocado sua confiança em Cristo serão vindicados, e todos os inimigos dele – e os inimigos do seu povo – serão punidos. Cristo é Rei. Ele é Sacerdote. É também o Juiz do mundo.

O Espírito Santo e a Igreja

Eu creio no Espírito Santo,
na santa igreja católica,
na comunhão dos santos…

O Credo dos Apóstolos é uma afirmação conscientemente trinitária; ou seja, contém um entendimento claro de Deus como três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo. Algumas pessoas acham que o conceito da Trindade não se desenvolveu completamente até ao século IV, mas crer em Deus como uma Trindade era afirmado, claramente, desde o começo. Depois de haver afirmado a crença em Deus, o Pai, e em Jesus Cristo, o Credo dos Apóstolos completa sua afirmação trinitária com uma pequena afirmação: "Eu Creio no Espírito Santo".

Uma das coisas mais importantes que devemos entender é que o Espírito Santo é uma pessoa, não uma força ou poder impessoal. Em outras palavras, o Espírito Santo é um "ser" e não uma coisa. Ele tem personalidade, e isso significa que podemos ter um relacionamento com ele, assim como temos relacionamento com qualquer outra pessoa.

Como membro da Divindade, o Espírito Santo esteve envolvido na criação. Mas talvez seu papel mais bem conhecido é o da inspiração. O Espírito é conhecido, na Bíblia, como o Espírito da verdade. Foi o Espírito que veio sobre os profetas e os

capacitou a falar a verdade de Deus. Foi também pelo Espírito Santo que as Escrituras foram inspiradas e interpretadas.

A vida cristã começa com a ação do Espírito Santo. O Espírito muda o coração, fazendo a alma morta reviver para as coisas de Deus. Isto é chamado "regeneração". A vida cristã começa pelo poder do Espírito, e o crescimento no decorrer da vida cristã acontece, também, pelo poder do Espírito. Este processo de crescimento na graça, para atingir a maturidade cristã, é chamado "santificação". Na santificação, os cristãos chegam a exibir o que o Novo Testamento chama de "fruto do Espírito": "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gálatas5.22).

No entanto, há uma dimensão da obra do Espírito Santo que vale a pena ser considerada. No Novo Testamento, quando Jesus falou a seus discípulos sobre a vinda do Espírito (João 14-17), ele chamou o Espírito de "o Consolador". Mas, quando o Novo Testamento apresenta o Consolador, ele não é simplesmente chamado de "*o* Consolador", é chamado de *outro* Consolador. Às vezes, a palavra grega em questão é traduzida por "Ajudador" ou "Conselheiro". Portanto, quando Jesus disse: "Eu enviarei outro Consolador", quem era o Consolador original? A resposta é o próprio Jesus. Na ausência de Jesus, ele enviaria outro Consolador, o Espírito Santo, que funciona como a presença contínua de Jesus na vida dos cristãos.

"Ajudador" ou "Consolador" sugere alguém que senta com você e se mostra ternamente sensível ao seu sofrimento e tristeza. Na verdade, uma das funções do Espírito Santo é consolar-nos em nossos lamentos, em tempos de crises e de tragédia. Mas isso não é o que Jesus quis dizer, ao usar este título. A palavra grega que ele usou era o título que se dava a um advogado de defesa, alguém que estava acessível em tempos de dificuldade. Jesus enviou o Espírito como aquele que estaria com os cristãos em *meio* a batalhas, lutas e crises. Este tipo de consolador é alguém que vem com força, que fortalece. Jesus prometeu o Espírito Santo como nosso aliado, para estar conosco e nos encorajar.

Quando o Espírito age na vida dos cristãos, ele sempre os guia a uma comunidade. O Novo Testamento chama os crentes de "santos". Esta palavra está intimamente

ligada à palavra traduzida por "sagrado", e sugere que os crentes são separados para um propósito especial. Não são chamados "santos" porque são puros ou justos, ou totalmente santos no mesmo sentido que Deus é, mas porque o Espírito Santo está habitando neles e os separou, consagrando-os e unindo-os em um corpo. "Santos", neste sentido, não se refere a indivíduos que excederam os outros em santidade ou em algum outro sentido, ou a pessoas que realizaram milagres. De acordo com o Novo Testamento, todos os crentes são santos, porque são todos habitados pelo Espírito Santo, que os torna santos.

Há uma maneira em que nossa redenção é individual. Somos membros individuais de todos os tipos de grupos. Em última análise, quando eu me coloco na presença de Deus, eu o faço sozinho; é minha fé, e sou eu quem deve crer e confiar em Jesus Cristo. Mas, embora haja um forte senso individual de redenção, o cristianismo não ensina o individualismo. Pelo contrário, crentes individuais são chamados a participar de uma comunhão de fé, que chamamos de igreja. O credo afirma isto como a santa igreja católica. *Igreja*, neste sentido, se refere não a uma denominação específica ou a uma congregação local, e sim a todo o grupo de crentes, onde quer que estejam.

Se hoje há uma instituição que nem sempre parece ser santa, essa instituição é a igreja. A igreja é uma instituição corrupta – mas, apesar disso, é a instituição mais importante no mundo. As forças do inferno entendem isso; por esta razão, a igreja de Jesus Cristo é o alvo supremo de ataque espiritual. Mas é a única instituição que tem a garantia de Cristo. Os membros da igreja nem sempre parecem santos, mas a igreja é, de fato, organizada para benefício de pecadores.

Apesar da falta de santidade de seus membros, a igreja é santa por causa de seu Cabeça, Jesus Cristo. Ele disse: "Edificarei a minha igreja" (Mateus 16.18). Portanto, a igreja existe porque é chamada por Cristo, porque é instituída e ordenada por Cristo, porque é capacitada e habitada pelo Espírito Santo, e porque recebemos o benefício da santidade da igreja. Qualquer que seja a santidade que recebamos, nós a recebemos por causa dos poderes que, em primeiro lugar, estão levando a igreja juntos – Jesus Cristo e o Espírito Santo. Cristo ordenou e chamou cada crente a

participar de sua igreja, dizendo-nos que não devemos abandonar a congregação dos santos. Nenhum homem é uma ilha, no que diz respeito à fé cristã. Todos temos um dever, bem como um privilégio, de participar da igreja.

O credo declara uma crença na "*na santa igreja católica*". Isto não se refere à Igreja Católica Romana. *Católica* significa apenas universal, afirmando que a igreja existe onde quer que esteja o povo de Deus. Os protestantes ainda mantêm esta confissão no Credo dos Apóstolos porque, embora não possamos abraçar a Igreja Católica Romana, certamente cremos que há um corpo de Cristo universal que é maior, mais amplo e mais profundo do que as denominações e congregações das quais somos membros.

"A comunhão dos santos" é outra maneira de descrever a igreja universal. Isto não se refere à ordenança da Ceia do Senhor ou à Eucaristia, que, às vezes, é chamada "Comunhão". No credo, "a comunhão dos santos" significa que há uma comunhão, uma irmandade, unida pelo Espírito Santo, que consiste de todos os cristãos no mundo. Esta comunhão transcende limites geográficos, denominacionais e étnicos, bem como limites temporais.

Isto significa que os crentes estão hoje, de algum modo, em comunhão com aqueles que creram anos e séculos antes deles. Na verdade, os crentes estão em comunhão com todo cristão que já viveu, porque todo cristão foi unido a Cristo, pela fé, e essa unidade não pode ser destruída, nem por tempo, nem por morte. Pela virtude dessa união, todo crente está misticamente unido a qualquer outra pessoa que está em união com Cristo.

O Perdão, a Ressurreição e a Vida Eterna

Eu creio no... no perdão dos pecados,
na ressurreição do corpo
e na vida eterna. Amém.

Tenho estado frequentemente envolvido em discussões com pessoas que não são cristãs; e, nessas discussões, faço defesa da fé. Já ouvi pessoas afirmarem que não creem em Deus, ou que não creem em Jesus. Embora haja argumentos sofisticados que alguém possa usar, uma de minhas estratégias é fazer esta pergunta simples: "O que você faz com sua culpa?".

Nunca encontrei alguém que olhou para mim e disse: "Eu não tenho culpa!". Todos têm culpa e a experimentam. A culpa é algo real e objetivo. Podemos fazer distinção entre sentimentos de culpa e o estado objetivo de culpa; e, às vezes, podemos confundi-los. Às vezes, pessoas dizem que não sentem culpa, concluindo, portanto, que não são culpadas. Mas, num tribunal, uma defesa de um assassino não irá muito longe, se o seu único argumento for que o acusado não sente culpa. A culpa é uma questão de relacionamento objetivo com padrões e com a lei. Quando transgredimos a lei de Deus, incorremos em culpa. Isso cria um problema para todos.

A Bíblia ensina que todo ser humano prestará contas a Deus por sua vida. Não podemos entender o ensino e a pregação de Jesus, se o tema central de julgamento for obscurecido. O próprio aparecimento de Jesus na terra, como o Deus encarnado, produziu uma crise de julgamento; e ele advertiu as pessoas, repetidas vezes, quanto a estarem preparadas para o julgamento final. "Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?", Jesus perguntou. "Ou que dará o homem em troca da sua alma? Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras" (Mateus 16.26-27).

Jesus falou com palavras amedrontadoras sobre esse julgamento final, quando afirmou que as coisas que fazemos em oculto serão tornadas manifestas e que cada palavra frívola será levada a julgamento (Mateus 12.36). A verdade é que enfrentaremos uma prestação de contas por tudo que dizemos, pensamos e fazemos. Podemos ignorá-la e até negá-la, mas não podemos escapar dela.

A ideia de que cada ser humano é responsável e prestará contas ao seu Criador pelo modo como viveu é fundamental, no ensino da Bíblia. O rei Davi disse: "Se observares, SENHOR, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?" (Salmo 130.3). Esta é uma pergunta retórica; a resposta é óbvia. Se Deus mantém, realmente, um registro de nossas iniquidades, ninguém pode ser inculpável diante dele. Se eu tiver de ser julgado por Deus com base no padrão de sua lei, sua retidão e sua santidade, e pelo seu padrão de justiça, eu perecerei.

De fato, quando o Novo Testamento fala sobre o julgamento final, ele sempre descreve da mesma maneira a reação das pessoas: silêncio. Quando uma pessoa acusa outra, mesmo de algo que ela é culpada, a reação humana normal é protestar ou se tornar defensiva. Apresentamos desculpas e tentamos explicar por que fizemos tal coisa, ou tentamos minimizar a severidade do que fizemos. Mas, quando comparecermos diante de Deus, teremos, pela primeira vez em nossa vida, uma avaliação perfeita e infalível de nossas realizações. Protestar será inútil e plenamente insensato, porque a evidência será tão convincente que as palavras serão totalmente inadequadas como defesa.

Por causa deste fardo de culpa, uma coisa que precisamos urgentemente é o perdão. E a boa notícia é que Cristo tornou possível que todo aquele que tem violado os padrões de justiça de Deus seja restaurado a um relacionamento correto com Deus – seja reconciliado e justificado, o que acontece por meio do perdão dos pecados.

Os cristãos creem que, quando se achegam a Deus e confessam seus pecados, ele os perdoa. Essa é a alegria da vida cristã. Quando Deus afirma: "Eu lhe perdoo", ele não mais sustenta o pecado contra você. Para aqueles que estão em Cristo, o apóstolo Paulo disse: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8.1). Isto não significa que não teremos de passar por um julgamento ou avaliação, e sim que aqueles que estão em Cristo nunca serão condenados pela ira de Deus. Os cristãos desfrutam de um relacionamento restaurado e saudável com seu Criador, um relacionamento que dura para sempre. Esse é o maior benefício e bênção que um ser humano pode experimentar.

Deus não promete apenas dar-nos uma alma restaurada ou paz de espírito. Ele promete, também, nos dar um corpo renovado. Há ocasiões em que penso: "Eu preciso de um novo corpo, porque este velho corpo está se desgastando". Deus afirma que, na ressurreição, receberemos corpos renovados – corpos glorificados que serão imortais e indestrutíveis. Corpos que funcionarão sem dor, enfermidades, decadência ou morte.

Quando o credo diz: "Eu creio na ressurreição do corpo", algumas pessoas podem pensar que o credo está afirmando a ressurreição de Cristo. Não, está se referindo ao nosso próprio corpo. Aqueles que têm fé em Jesus experimentarão a ressurreição de seu corpo como resultado da ressurreição de Cristo.

O grande matemático, filósofo e teólogo Blaise Pascal chamou o homem de "o paradoxo supremo". Pascal disse que o homem é a criatura de mais elevada grandeza e, ao mesmo, de maior miséria. A grandeza do homem está em sua capacidade para contemplar e refletir. Mas isso também é a base de sua miséria. O homem sempre tem a capacidade de visualizar uma existência melhor do que a que desfruta no presente, ou melhor do que ele é capaz de realizar. Estamos sempre vivendo com esperanças frustradas. Podemos imaginar uma vida sem dor, sofrimento ou morte,

mas não podemos fazer isso acontecer. Alguns dizem que isso é o próprio fundamento da religião: projetar seus sonhos e esperanças em algum estado futuro.

No entanto, o que a Bíblia ensina não é cumprimento de desejos. Jesus Cristo venceu a morte e diz que chegará um tempo, por causa do perdão dos pecados, em que nosso corpo será ressuscitado. Aqueles que creram em Cristo terão vida eterna, uma vida em que, conforme nosso Senhor declarou, ele limpará de nossos olhos toda lágrima. Não haverá mais dor, nem sofrimento, nem morte, nem pecado. Você não quer isto para si mesmo? Somos culpados de pecado e, por essa razão, merecemos apenas punição eterna. A Bíblia nos diz que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3.23). Este Salvador veio para remover nossa culpa e dar-nos vida eterna. Seu sacrifício expiatório purifica o nosso pecado.

O evangelho é boas novas para você. Se você não tem fé neste Salvador, que tal confiar nele agora para o perdão de seus pecados?

O evangelho é o âmago da crença cristã. O evangelho faz uma exigência – você tem de confiar em Jesus Cristo para ser perdoado, ou ignorar e negar este evangelho. E ignorar o evangelho é, essencialmente, negá-lo. O evangelho começa com o perdão dos pecados, que está fundamentado em tudo mais que o credo afirma: aquele que é Deus, o Pai, todo-poderoso, aquele que fez os céus e a terra, que enviou seu Espírito sobre uma virgem, para que ela concebesse e tivesse um filho. Foi este Deus soberano do céu e da terra que fez seu Filho sofrer julgamento sob a autoridade de Pôncio Pilatos, para que fosse crucificado, morresse e fosse sepultado; para que descesse ao Hades, ressuscitasse dos mortos, ascendesse ao céu e sentasse à direita de Deus. Ele diz que, um dia, retornará para julgar todas as pessoas. Naquele dia, você será achado confiando em Cristo para o perdão e a vida? Ou você estará entre aqueles que rejeitam a Cristo para o perdão dos pecados e, por isso, sofrerá a punição eterna? Por meio da fé em Jesus, há perdão. Jesus é aquele que envia o Espírito Santo, que criou uma comunidade chamada de igreja, e que nos promete a ressurreição do corpo e a vida eterna. Receba Cristo e a abrace com fé esta salvação que ele oferece gratuitamente. Assim, você se verá vencedor ao fim desta corrida da vida, a corrida pela vida, a corrida da fé.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br



O ministério americano Ligonier é a associação de ensino do Dr. R.C. Sproul, dedicado a ajudar cristãos a saberem no que creem, por que creem e a como devem viver e compartilhar sua crença.

Disponibilizamos em nosso site cursos, materiais de estudo e diversos recursos multimídia, a fim de proclamar, ensinar e defender a santidade de Deus em sua plenitude para o máximo de pessoas possível.

Visite nosso website

www.facebook.com/LigonierPOR